

MAPAS MENTAIS NO ENSINO DE GEOGRAFIA: A CIDADE DE UBERABA - MG PELA MEMÓRIA E PERCEPÇÃO DOS ALUNOS DA UNIVERSIDADE ABERTA À TERCEIRA IDADE – UFTM

LEANDRO, Marllon Henrique¹
CANTO, Tânia Seneme do²

Recebido (Received): 21-06-2016 Aceito (Accepted): 26-06-2019

DOI:

Como citar este artigo: LEANDRO, M. H.; CANTO, T S. Mapas mentais no ensino de geografia: a cidade de Uberaba - MG pela memória e percepção dos alunos da universidade aberta à terceira idade – UFTM. **Formação Online**, v. 26, n. 48, p. 72-93, 2019.

Resumo

Considerando o atual crescimento da população idosa no Brasil, torna-se cada vez mais necessário realizar estudos que também insiram este grupo no ensino de geografia. O presente trabalho visa contribuir nesse sentido, ao analisar como os idosos percebem o espaço urbano do município de Uberaba – MG através do desenho de mapas mentais. Para tanto, realizamos uma pesquisa no programa Universidade Aberta à Terceira Idade (UATI), da Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM), tendo como participantes uma turma de vinte alunos. A pesquisa envolveu a confecção e análise de mapas mentais, buscando relacionar as memórias dos alunos com as transformações urbanas e os significados que a cidade tem para eles. Conclui-se que o trabalho com mapas mentais pode contribuir com o resgate da memória da cidade e a compreensão dos fenômenos e eventos urbanos pelos idosos, assim como é capaz de estimular uma participação mais ativa destes sujeitos na sociedade ao articular-se com o pensamento crítico promovido pela geografia durante as atividades desenvolvidas.

Palavras-chave: Terceira Idade, Memória, Mapas Mentais, Ensino de Geografia, Espaço Urbano.

MENTAL MAPS IN GEOGRAPHY TEACHING: THE CITY OF UBERABA - MG BY MEMORY AND PERCEPTION OF STUDENTS OF THE OPEN UNIVERSITY OF THE THIRD AGE – UFTM

Abstract

Considering the current growth of the elderly population in Brazil, it is becoming increasingly necessary to conduct studies that also insert this group in geography teaching. This work aims to contribute in this direction, by examining how elderly people perceive the urban space of Uberaba – MG city through the drawings of mental maps. Therefore, we developed a research at the Open University of the Third Age program, in the Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM), having a class of 20 students as participants. The research involved the preparation and analysis of mental maps, which sought to relate the memories of the students with the urban transformations and meanings that the city has for them. It is concluded that working with mental maps can contribute to the rescue of the city's memory and the understanding of the phenomena and urban events by the elderly people, and it is also able to stimulate the active participation of these individuals in society through the articulation with a critical thinking promoted by geography during the activities.

Keywords: Third Age, Memory, Mental Maps, Geography Teaching, Urban Space

MAPAS MENTALES EN LA ENSEÑANZA DE GEOGRAFÍA: CIUDAD DE UBERABA - MG POR LA MEMORIA Y PERCEPCIÓN DE LOS ALUMNOS DE LA UNIVERSIDADE ABERTA À TERCEIRA IDADE - UFTM

¹Mestre em Geografia pelo Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal de Uberlândia

²Professora Doutora no Departamento de Geografia, no Instituto de Geociências da Universidade Estadual de Campinas

Resumen

Cuando se considera el actual crecimiento de la población mayor en el Brasil, es necesario cada vez más realizar estudios que también injieran este grupo en la enseñanza de geografía. El presente trabajo contribuye en este sentido, al analizar como los ancianos perciben el espacio urbano en el municipio de Uberaba – MG a través del dibujo de mapas mentales. Para ello, utilizamos una búsqueda en programa Universidade Aberta à Terceira Idade (UATI), de la Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM), involucrando participantes una pandilla de veinte alumnos. La pesquisa comprendió la confección y análisis de mapas mentales, con el objetivo de relacionar las memorias de los alumnos con las transformaciones urbanas y los significados que la ciudad presenta para ellos. Así se concluye que el trabajo con mapas mentales puede contribuir con el rescate de memoria de la ciudad y la comprensión de los fenómenos y eventos urbanos por las personas mayores, así tal como es capaz de estimular una participación más activa de esos sujetos en la sociedad al articularse con el pensamiento crítico promovido por la geografía durante las actividades desarrolladas.

Palabras claves: tercera edad, memoria, mapas mentales, enseñanza de geografía, espacio urbano

1 Introdução

Este trabalho é fruto de uma pesquisa realizada no Curso de Licenciatura em Geografia da Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM), localizada no município de Uberaba – MG. O propósito desta pesquisa foi investigar como os alunos e as alunas do programa Universidade Aberta à Terceira Idade (UATI), promovido pela UFTM, percebem o espaço urbano de Uberaba, através de desenhos de mapas mentais da região central da cidade.

A pesquisa envolvendo os mapas mentais e a participação dos estudantes da terceira idade possibilitou a representação de espacialidades que nos mostram a importância e os significados do espaço urbano para esses sujeitos, os quais manteremos sigilo nesta pesquisa utilizando nomes fictícios para identificação dos participantes. Sendo assim, por meio das atividades desenvolvidas na pesquisa, buscamos recuperar as transformações ocorridas na cidade de Uberaba a partir da perspectiva daqueles (as) que viveram esta história.

As representações espaciais que construímos ao longo de nossa vida cotidiana são carregadas de lembranças e percepções reveladoras da visão do indivíduo sobre o espaço com o qual se relaciona. O desenho de mapas mentais torna possível que um conjunto de imagens e saberes que nos informam sobre esta visão ganhe materialidade.

Conforme afirma Richter (2011, p. 17), baseado em Vygotsky (2000):

O mapa é um instrumento de comunicação, de linguagem e de representação que faz parte da vida do ser humano desde que o mesmo, em suas comunidades e organizações mais remotas, identificou a importância de “desenhar” o espaço vivido.

Portanto, a utilização dos mapas mentais nesta pesquisa é uma das formas de linguagem que, dentro da cartografia, encontramos para a representação desses espaços vividos, cotidianos e repleto de lembranças. O trabalho com mapas mentais implica uma maior liberdade na

representação espacial dos lugares, já que o desenho pode ser feito de acordo com os anseios de seu autor (a), respeitando assim sua autonomia na decisão do que e como representar.

Vale destacar que o presente texto também tem como objetivo tratar do projeto educativo desenvolvido pela Universidade Aberta à Terceira Idade, que visa inserir a população idosa em atividades que envolvam a saúde física e mental e, mais especificamente na área da Geografia, busca incentivar sua participação como cidadãos na sociedade e no município em que vivem.

Para tanto, a primeira parte do texto aborda o papel da Universidade Aberta à Terceira Idade no mundo e no Brasil, trazendo um recorte do programa na UFTM. A segunda metade discute a relação entre desenhos de mapas mentais com a memória urbana, no estudo do lugar e do espaço vivido. E, por fim, é feita a análise dos mapas mentais desenhados pelos (as) alunos (as), buscando refletir especialmente sobre três aspectos: a história de Uberaba e suas mudanças na paisagem, o papel do centro e o surgimento das novas centralidades no município e a importância dos espaços simbólicos e religiosos na prática cotidiana dos (as) idosos (as) na cidade.

2 A Universidade Aberta à Terceira Idade no Brasil e a Inclusão Social da População Idosa

A Universidade Aberta à Terceira Idade é um programa que pretende promover atividades que reafirmam o papel da pessoa idosa na sociedade. Uma de suas principais funções é a inserção social da população acima de 60 anos ao acesso às tecnologias, aos espaços de lazer e aos serviços básicos como a saúde e a educação.

Em termos legais, a Lei N°10.741, de 1° de Outubro de 2003, que “dispõe do Estatuto do idoso e dá outras providências”, prevê a este grupo etário da população brasileira a garantia de importantes direitos que constam nesse decreto que passou a vigorar no dia 1° de janeiro de 2004, ou seja, decorridos 90 dias após a publicação oficial. Particularmente, o trabalho que realizamos nesta pesquisa contribui com o direito identificado no Artigo 21, Capítulo V, que diz: “O Poder Público criará oportunidades de acesso do idoso à educação, adequando currículos, metodologias e material didático aos programas educacionais a ele destinados”.

Historicamente, a Universidade da Terceira Idade teve sua origem na cidade de Toulouse, França, no ano de 1972. Como afirma Gomes, Loures e Alencar (2004, p. 84), foi criado, nesse contexto, um projeto de extensão universitária que contava com a participação de

vários cursos com propostas interdisciplinares, visando à inserção da população idosa no mundo do saber.

Segundo as autoras, a Universidade da Terceira Idade se tornou um termo utilizado universalmente com o intuito de propiciar momentos de “investigação, sistematização e transmissão do conhecimento” (GOMES; LOURES; ALENCAR, 2004, p. 84).

Desse modo, é relevante destacar que as atividades programadas nas Universidades Abertas à Terceira Idade no Brasil possuem o intuito de despertar nos idosos (as) uma maior participação na sociedade através de reflexões e discussões dos problemas por eles vivenciados no cotidiano. Essa maneira de atuação no meio social fortalece o papel destes sujeitos como cidadãos, rompendo com a ideia de que com a “velhice”, eles se tornem excluídos socialmente.

Estas instituições objetivaram oferecer aos idosos, e aos que preparam para ser idosos, oportunidades para estimular ou desenvolver atividades de participação na vida social, econômica, política e cultural. (GOMES; LOURES; ALENCAR, 2004, p. 87).

As Universidades da Terceira Idade na Europa surgiram centradas no tripé ensino, pesquisa e extensão, o que favoreceu a realização de importantes trabalhos e conferências sobre o envelhecimento populacional, que atualmente se torna um fenômeno presente em diversos países.

Na década de 1970, a ideia da Universidade da Terceira Idade tornou-se realidade na França e nos Estados Unidos da América e, posteriormente, difundiu-se pelo mundo. Nesses países e em alguns outros, algumas instituições aceitavam alunos e alunas com idade a partir de 45 anos, enquanto outras somente a partir de 60 anos.

No Brasil, a primeira experiência nessa direção aconteceu no ano de 1963 pela iniciativa do Serviço Social do Comércio (SESC), que visava introduzir atividades de lazer nos tempos livres desta população. Posteriormente, tomando como referência as experiências de escolas francesas, são criadas as primeiras “Escolas Abertas para a Terceira Idade”, proporcionando atividades culturais e informações sobre serviços públicos. Na década de 1980, as universidades brasileiras públicas e privadas passam a oferecer atividades educacionais para os(as) idosos(as) e incentivar a pesquisa e extensão com e para este público.

A primeira universidade a criar o programa no país foi a Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), em 1982, através do “Núcleo de Estudos da Terceira Idade” (NETI), que oferecia cursos de preparação para a população idosa e para os profissionais ligados a essa área. Em 1988, foi a vez da criação da “Universidade Sem Fronteiras”, pela Universidade Federal do Ceará (UFC), que visava atender a demanda de necessidades vividas pelos (as) idosos (as) no

Nordeste do país. Após a década de 1990, muitas universidades criaram seus próprios programas voltados ao público da terceira idade, tendo como um dos propósitos o combate aos “estereótipos e preconceitos relacionados à velhice” (SÁ, 1999, p. 90, apud, GOMES; LOURDES e ALENCAR, 2004, p. 90).

O Programa Universidade Aberta à Terceira Idade teve sua proposta mais bem estruturada no Brasil com a Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC-CAMP), no ano de 1990, com o curso de Serviço Social. Além das atividades de ensino, pesquisa e extensão, o programa contava com 70 professores desta e de outras universidades que estudavam e trocavam experiências temáticas envolvendo a terceira idade nessa área.

Portanto, é possível enumerar e ressaltar o trabalho de várias Universidades Abertas à Terceira Idade no país que objetivam a promoção de atividades interdisciplinares que envolvam a saúde física e mental, além de proporcionar aos idosos a reflexão sobre o seu papel como cidadãos atuantes frente ao contexto social, político, econômico e cultural da sociedade atual.

Na UFTM, o programa Universidade Aberta à Terceira Idade (UATI) iniciou suas atividades no ano de 2009, tendo como objetivo a inclusão social desta população a partir da preparação para a atuação no cotidiano como cidadãos, do acompanhamento de sua saúde física e mental e da formação educacional continuada, possibilitando a aprendizagem em várias áreas do conhecimento.

Concebida como um projeto de extensão da UFTM, a UATI conta com a participação de diversos cursos da área da saúde (Fisioterapia, Nutrição, Psicologia, Enfermagem, Serviço Social, Terapia Ocupacional) e da licenciatura (Letras e Geografia), os quais, além de promoverem atividades que buscam o desenvolvimento motor e cognitivo dos (as) idosos (as), sua maior participação na vida social, o conhecimento de seus direitos e melhora da qualidade de vida, também desenvolvem estudos na área de envelhecimento populacional.

A Geografia se insere na UATI por meio do projeto de extensão “Fundamentos da Geografia para a Terceira Idade”. O objetivo do projeto é, através de aulas teóricas e trabalhos de campo, possibilitar aos estudantes da terceira idade a construção de uma visão de mundo que favoreça a reflexão crítica sobre a realidade que os cercam.

Diante disso, o uso de mapas mentais nas aulas de Geografia na UATI converge com os propósitos mais amplos do projeto na medida em que permite trabalhar com a percepção e a memória dos (as) idosos (as) na construção de sentidos com o espaço imediato de sua experiência social.

3 Mapas Mentais e o Estudo do Lugar

O estudo da Geografia evoca uma série de análises e reflexões sobre o espaço geográfico, colocando em destaque a relação homem/sociedade-natureza. Ao buscarmos compreender os espaços vividos pelos (as) alunos (as) da UATI, por meio do desenho de mapas mentais, concebemos o ser humano como agente que influi e é influenciado pelo espaço. Logo, segundo Castro, Gomes e Corrêa (2012, p. 7):

Nesse sentido, o espaço, mais do que manifestação da diversidade e da complexidade sociais, é, ele mesmo, uma dimensão fundadora do “ser no mundo”, mundo esse, tanto material quanto simbólico, que se expressa em formas, conteúdos e movimentos.

Assim, pretendeu-se estudar, neste trabalho, o espaço vivido pelos (as) idosos (as) como forma de representação de suas experiências e vivências, resgatando a memória urbana desses sujeitos através dos mapas mentais.

O mapa mental é uma forma de representação que vai muito além da representação estritamente espacial do mundo. É uma forma de trazer para o papel o cotidiano vivido pelas pessoas, suas representações culturais e sociais, além de envolver valores individuais e coletivos da sociedade, pois, como afirma Oliveira (2010, p.1):

[...] o mapa, sobretudo o mapa mental em nosso caso, é observado enquanto construção histórico-social, apreendendo características do vetor tempo/espaço e representando aquilo que adquire importância espacial durante o tempo socialmente construído.

Portanto, o mapa mental é constituído de características que podem trazer registros importantes sobre o espaço de outras épocas e também informações atuais que favorecem a compreensão da realidade vivida pelas pessoas.

As representações espaciais mentais podem ser do espaço vivido no cotidiano, como por exemplo, os lugares construídos do presente ou do passado; de localidades espaciais distantes, ou ainda, formadas a partir de acontecimentos sociais, culturais, históricos e econômicos, divulgados nos meios de comunicação. (ARCHELA; GRATÃO; TROSTDORF, 2004, p. 127).

Um dos conceitos geográficos, que podemos trabalhar através dos mapas mentais, e que exerce papel fundamental neste estudo, é o lugar, conceito que está intrinsecamente ligado a significados e símbolos construídos pelos sujeitos na relação espaço – tempo.

O lugar pode ser compreendido como o espaço que possibilita a construção de um sentido de pertencimento nas pessoas e grupos sociais. Para Dardel (1990 apud LIMA; KOZEL, 2009, p. 210), o lugar é “como um receptáculo que abarca o espaço que contém as experiências

dos sujeitos, é impregnado de histórias, de signos e símbolos”. Assim, este conceito enfatiza os espaços cujas histórias e imagens guardamos na memória e representamos para nós mesmos.

Buscando contribuir com o estudo dos lugares e a recuperação da memória das cidades, Abreu (1998) tem destacado a importância de se trabalhar com as lembranças individuais, especialmente dos “velhos”. Segundo ele:

A memória individual pode contribuir, portanto, para a recuperação da memória das cidades. A partir dela, ou de seus registros, pode se enveredar pelas lembranças das pessoas e atingir momentos urbanos que já passaram e formas espaciais que já desapareceram. A importância desse resgate para a identidade de um lugar é inquestionável, e é por isso que as “histórias orais” e as “memórias de velhos” vêm hoje se difundindo bastante no Brasil. (BOSI, 1987; COSTA, 1993; MEIHY, 1996 apud: ABREU, 1998, p. 83).

Contudo, é relevante entender que a recuperação do passado não se dá somente pelas “histórias orais” e pela “memória individual”, mas também pelas memórias coletivas. Essas memórias coletivas são “memórias compartilhadas”, ou seja, “por definição, ultrapassa sempre os limites do presente, mas não consegue mergulhar infinitamente no passado. Ela estende-se até onde pode” (ABREU, 1998, p. 26).

A memória coletiva possibilita o resgate de fatos e acontecimentos do passado por um determinado grupo, fazendo convergir memórias e recuperar, através das representações espaciais, momentos vivenciados. Porém, para conseguirmos ligar e relacionar as diferentes representações deste grupo também precisamos lançar mão da “memória histórica”, aquela memória “eternizada” em escrituras, fotografias, livros, depoimentos, etc. ...

No trabalho que realizamos, os três tipos de memórias (individual, coletiva e histórica) possibilitou o resgate da memória urbana do município de Uberaba – MG. Para acessar as memórias e vivências dos (as) idosos (as) em relação a este lugar e com eles estudá-lo, consideramos a percepção da paisagem como fator essencial para cartografar os espaços vividos. Como afirma De Paula (2010, p.3):

A percepção, portanto, geralmente é interpretada como a ‘chave’ para entender a relação que indivíduos têm com os espaços de seu cotidiano, sendo capaz de ligar todos os processos interiorizados da mente aos fatores do ambiente.

Neste processo, De Paula (2010, p.6) também destaca que os mapas mentais ganham ainda mais força quando se trata de representar espaços locais e vividos corporalmente pelas pessoas.

Nesse sentido, há uma tendência em entender que mapas mentais se tornam mais densos e ricos quando os aproximamos dos espaços de intimidade da pessoa. Os lugares de vivência possuem elementos, resguardados pela experiência e memória,

suficientemente claros para classificar uma variabilidade de termos relacionados ao ambiente em questão.

Desse modo, os mapas mentais são entendidos aqui como uma ferramenta capaz de tornar mais significativa a aprendizagem do espaço urbano de Uberaba e das transformações espaciais ocorridas em certos locais. Nesse sentido, a construção desses mapas permite uma caminhada no passado, mas com forte atenção para o presente, fazendo com que os(as) idosos(as) possam perceber as transformações vividas pela cidade ao longo do tempo.

4 Uberaba contada pelos mapas mentais dos alunos da UATI: uma análise possível.

A região atualmente conhecida como Triângulo Mineiro, onde está localizado o município de Uberaba - MG, já foi em outros tempos terra de muitas batalhas e território de muitas tribos indígenas como os Tupis, Tremembés e Caiapós.

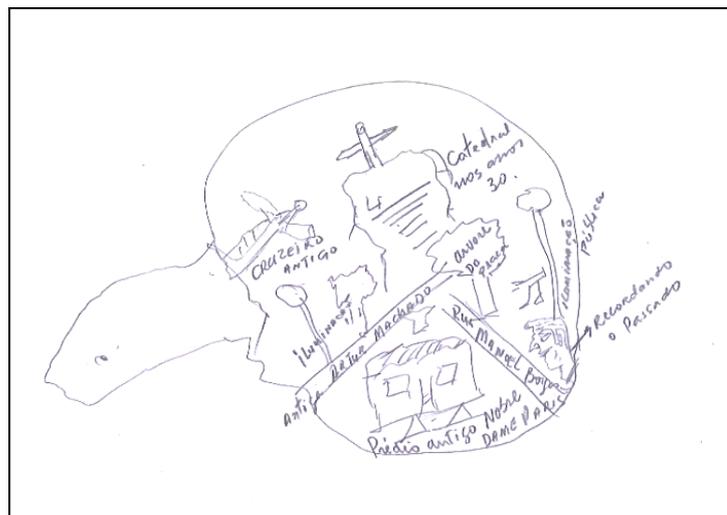
Contudo, foi pela ação do Senhor Bartolomeu Bueno da Silva Filho, conhecido por “Anhanguera”, que o movimento de colonização do Triângulo Mineiro começou a partir da abertura da “Estrada do Anhanguera”. Dava-se início, assim, ao aparecimento de vários povoamentos e vilas nessa região que ainda pertencia a Capitania de Goiás.

Somente no ano de 1816, que o Triângulo Mineiro foi anexado ao Estado de Minas Gerais e, vinte anos após, que se deu a criação de Uberaba pela “Lei nº28, de 22 de fevereiro de 1836”. (MENDONÇA, 2008, p. 17).

Por um grande período, então, o território do Estado de Minas Gerais existia separadamente do território do Triângulo e apenas após a anexação da região ao estado mineiro é que o município de Uberaba foi fundado. Assim, pode-se dizer que a história de Uberaba está intimamente ligada à formação territorial do Estado ao qual a região do Triângulo Mineiro passou a pertencer.

O mapa mental feito pelo Senhor Elio, um dos alunos da UATI, apresenta esta perspectiva ao representar o espaço urbano de Uberaba (certas ruas, avenidas, monumentos, praças e edificações) em todo o território do estado de Minas, exceto na região em que o município está localizado, isto é, no Triângulo Mineiro.

Figura 1 - Mapa mental do senhor Elio



Fonte: LEANDRO; MARLLON (2014).

Nesse mapeamento, fica também evidente o afeto e importância que o espaço urbano do município tem para o Senhor Elio (figura 1), ao representá-lo por meio das principais ruas do centro e de elementos que marcaram a paisagem da cidade e sua memória. Assim, como relata no mapa, “recordando o passado”, ele destaca em seu desenho a rua “Arthur Machado”, a antiga “rua do centro”, a “rua do comércio”, atual centro de estabelecimentos comerciais da cidade, a rua “Manoel Borges”, que corta o centro principal da cidade, bem como a “árvore da praça”, o “Cruzeiro antigo”, a “iluminação”, o “prédio antigo de Notre Dame Paris” e a “catedral dos anos 30”.

4.1 As mudanças na paisagem

A paisagem pode ser definida pela junção do meio natural e o meio social. As florestas, montanhas, rios, nuvens, isto é, elementos que não são produtos da ação humana, constituem os objetos naturais da paisagem, enquanto, casas, prédios, ruas e tudo que resulta do trabalho formam o que Santos (2009, p.53-54) define como objetos sociais da paisagem:

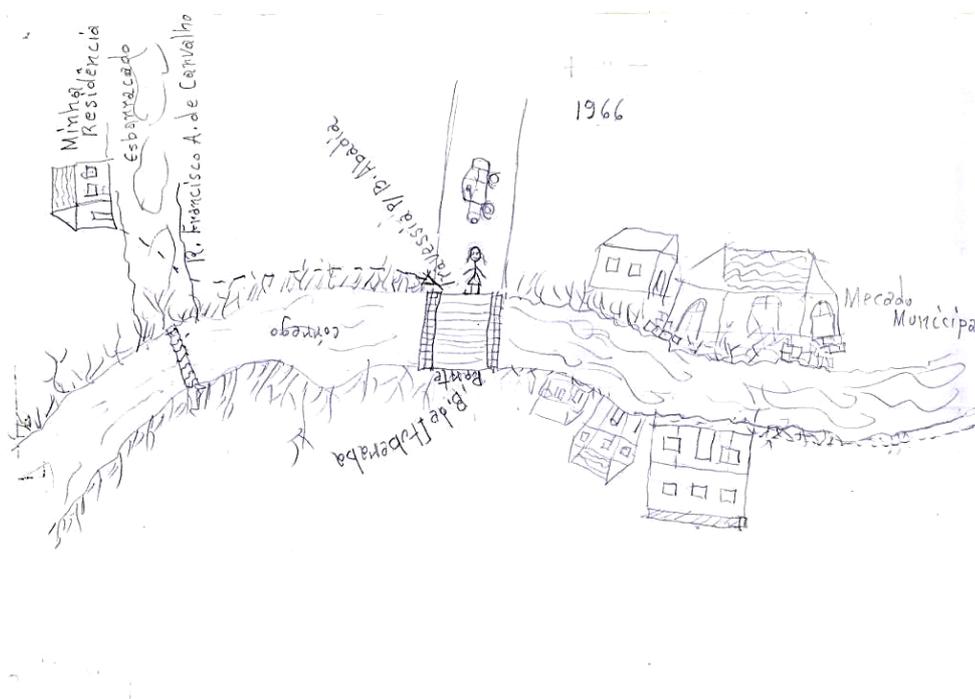
Em realidade, a paisagem compreende dois elementos: 1. Os objetos naturais, que não são obra do homem nem jamais foram tocados por ele. 2. Os objetos sociais, testemunhas do trabalho humano no passado, como no presente.

Portanto, os mapas das Senhoras Bruna e Maria (figuras 2 e 3), alunas da UATI, mostram a transformação do espaço urbano de Uberaba por meio das mudanças na paisagem

da principal avenida da cidade, a Avenida Leopoldino de Oliveira, que tem sua história ligada à canalização e cobertura do Córrego das Lajes.

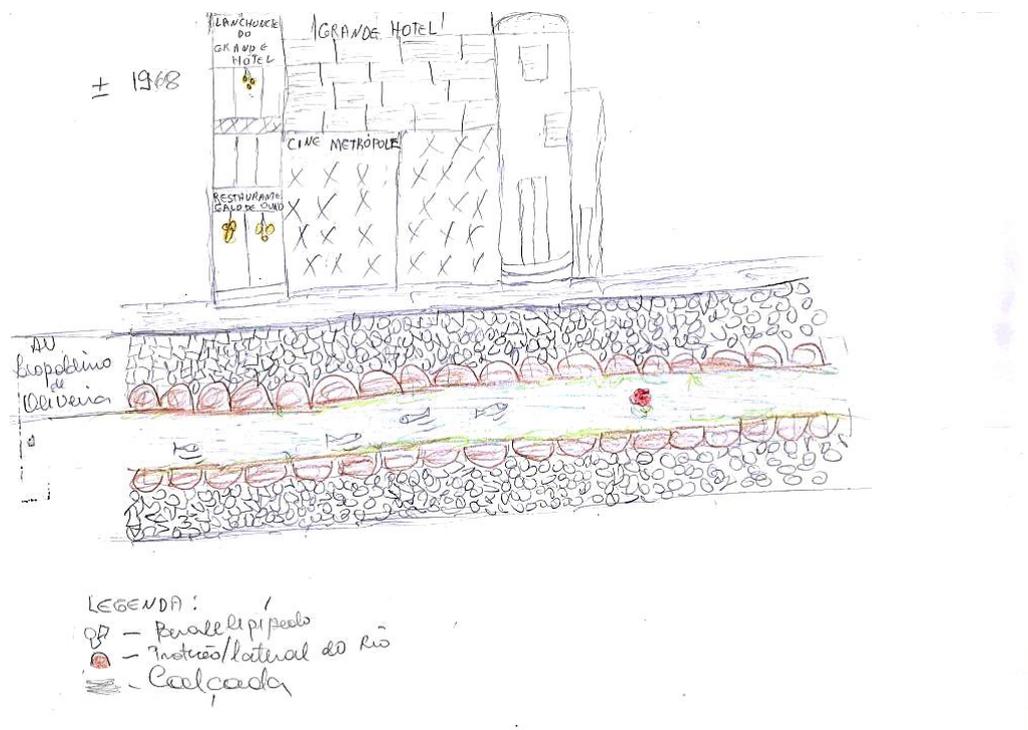
Ao observarmos os dois desenhos, podemos perceber como a paisagem foi sendo transformada pela ação do homem nesta área da cidade. Apesar dos mapas não representarem exatamente o mesmo local, isto é, o mesmo trecho da avenida, ambos destacam a importância do Córrego das Lajes como objeto natural da paisagem e as obras humanas presentes no seu entorno na década de 1960.

Figura 2 - Mapa mental da senhora Bruna.



Fonte: LEANDRO, MARLLON, (2014).

Figura 3 - Mapa mental da senhora Maria.



Fonte: LEANDRO, MARLLON, (2014).

Em seu mapa, a Senhora Bruna construiu uma imagem da Avenida Leopoldino de Oliveira em 1966. Conforme ela retrata em seu desenho, nessa época e nessa parte da avenida, o córrego encontrava-se a céu aberto, com uma pequena vegetação em volta, casarões imponentes e alguns estabelecimentos comerciais, como o Mercado Municipal. Ela destaca também sua residência, localizada no bairro Abadia, próxima a uma área de barranco, e as pontes construídas para que pessoas e automóveis pudessem atravessar o córrego.

O mapa feito pela senhora Maria mostra outro trecho da Avenida Leopoldino de Oliveira, também num tempo passado. Conforme ela identifica, em 1968, o Córrego das Lajes ainda corria a céu aberto, mas, sua paisagem é lembrada de forma diferente. As ruas eram pavimentadas por paralelepípedos e existia calçada para as pessoas caminharem. O desenho também destaca como construção humana um imponente hotel, o “Grande Hotel”, onde estava localizado o “Cine Metrópole” e o restaurante “Galo de Ouro”, estabelecimentos frequentados pela elite uberabense, conforme relatado pela aluna em aulas anteriores.

Muitos alunos da UATI relataram que a Avenida Leopoldino de Oliveira foi pavimentada até certo ponto da cidade, sendo que, em outros pontos, ela ainda era estrada de

chão, com mato e muita poeira, segundo eles. Isso pode explicar a forma diferente com que as alunas representaram a paisagem no entorno do córrego, já que o mapa mental da Senhora Maria situa a região central de Uberaba, enquanto o mapa da Senhora Bruna traz lugares mais afastados do centro principal, mas que na atualidade constitui-se também como centro comercial, principalmente, pela presença do Mercado Municipal.

O que podemos identificar nos dois mapas apresentados é que houve mudanças na paisagem que corroboram com as ideias de Santos (2009, p. 54):

A paisagem, assim como o espaço, altera-se continuamente para poder acompanhar as transformações da sociedade. A forma é alterada, renovada, suprimida para dar lugar a uma outra forma que atenda às necessidades novas da estrutura social.

Ambos os desenhos destacam como objetos sociais o aparecimento de casarões em volta da avenida, um traz a construção de pontes para facilitar a travessia do córrego pelas pessoas, enquanto outro representa as ruas de paralelepípedos, provavelmente construídas para melhorar o tráfego de veículos. Como objetos naturais, observamos elementos (arbustos e peixes) diretamente vinculados à presença do curso d'água que, nos dois mapas, são representados ainda ao alcance dos olhos, mas já vai sendo transformado pelas ações humanas e o avanço da cidade.

Vale ressaltar que os mapas também nos fazem perceber o quanto esta paisagem tem importância para as senhoras. Mesmo depois de quase cinquenta anos, ela ainda está viva em suas memórias.

4.2 O centro e as novas centralidades

O estudo do espaço envolve a análise de muitos elementos que articulam e movimentam as dinâmicas da cidade. Desse modo, ao buscarmos compreender o espaço urbano, estamos confrontando com muitas funções que caracterizam o fenômeno urbano, como funções administrativas, políticas e comerciais (LEFEBVRE, 1999).

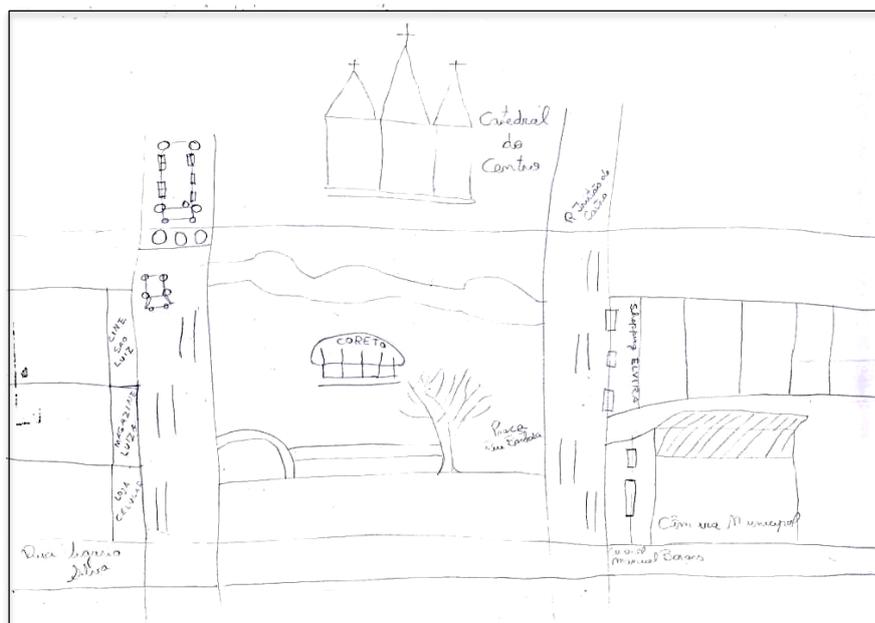
As cidades são exemplos dessa teoria atraindo um grande contingente populacional por meio de melhores condições de vida. Esses movimentos fazem com que, ao longo do tempo, a cidade passe por “um processo de reestruturação do espaço urbano” (PEREIRA, 2014).

Essa reestruturação provoca muitas mudanças no espaço urbano, dentre elas o aparecimento de novas centralidades que, no entanto, não descaracterizam a função do centro principal da cidade.

Segundo Milani e Silva (2009, p. 2), historicamente, o centro principal da cidade também é reconhecido pela população como “cidade”. “A área conhecida como centro é chamada pela população que reside nos bairros mais afastados como “cidade”, é comum alguém usar a expressão “vou à cidade” referindo-se ao deslocamento até o centro”.

Esta caracterização está muito ligada ao importante papel que o centro exerce na vida das pessoas. Assim como ocorre em diversas cidades, é neste núcleo urbano de Uberaba que estão localizados: uma das catedrais da cidade (Catedral Central), a praça pública (Praça Rui Barbosa), diversos estabelecimentos comerciais, serviços públicos e privados. Logo as pessoas das áreas periféricas e bairros adjacentes dizem que vão à “cidade”, ou seja, ao centro, porque tudo se encontra por lá, como aponta o mapa mental feito pela Senhora Débora (figura 4).

Figura 4 - Mapa mental da senhora Débora



Fonte: LEANDRO, MARLLON, (2014).

Ao analisarmos de perto o mapa, notando principalmente o texto escrito, identificamos uma representação do centro principal da cidade de Uberaba, caracterizado pela Catedral (na parte superior do desenho), alguns estabelecimentos comerciais como o “Cine São Luiz”, o “Magazine Luiza” e uma “loja celular” (na parte esquerda), a “Praça Rui Barbosa”, com suas árvores, bancos e o coreto (no miolo), a “Câmara Municipal” e o “Shopping Elvira” (na parte direita), além do intenso tráfego de veículos.

Levando em conta todos esses elementos apresentados no desenho pela Senhora Débora, podemos concluir que essa área central da cidade de Uberaba reúne diversos estabelecimentos, cada qual com uma função, sejam, comercial, religiosa e política, o que nos remete aos dizeres de Castells (1983, p. 311), “o centro é o espaço que permite, além das características de sua ocupação, uma coordenação de atividades urbanas, uma identificação simbólica e ordenada destas atividades e, daí a criação de condições necessárias à comunicação entre os atores”.

Assim, a imagem construída no referido mapa mental evidencia exatamente essas características marcantes do centro principal de uma cidade. O mesmo ocorre com o mapa desenhado pelo Senhor Ivo, que representa a mesma área com destaque para os grandes edifícios que, geralmente, também compõem a paisagem do centro.

Figura 5 - Mapa mental do senhor Ivo.



Fonte: LEANDRO, MARLLON, (2014).

Além disso, o mapa criado pelo Senhor Ivo chama atenção para o tráfego intenso de veículos na região e para o famoso “Calçadão”, local destinado somente para o trânsito de pedestres e onde se situa vários estabelecimentos comerciais, bem como a agência do “Correio”.

Nos mapas mentais dos alunos da UATI, também estão presentes as novas centralidades da cidade de Uberaba. No que se refere ao papel das centralidades, categoria de análise resultante da reestruturação do espaço urbano, Milani e Silva (2009, p.1) ensinam que:

O que defini uma centralidade é o movimento pelas vias – os fluxos -, ou seja, a circulação contínua de consumidores, trabalhadores, automóveis, mercadorias, informações e ideias; a presença desses elementos e suas dinâmicas dão função aos espaços e definem territórios.

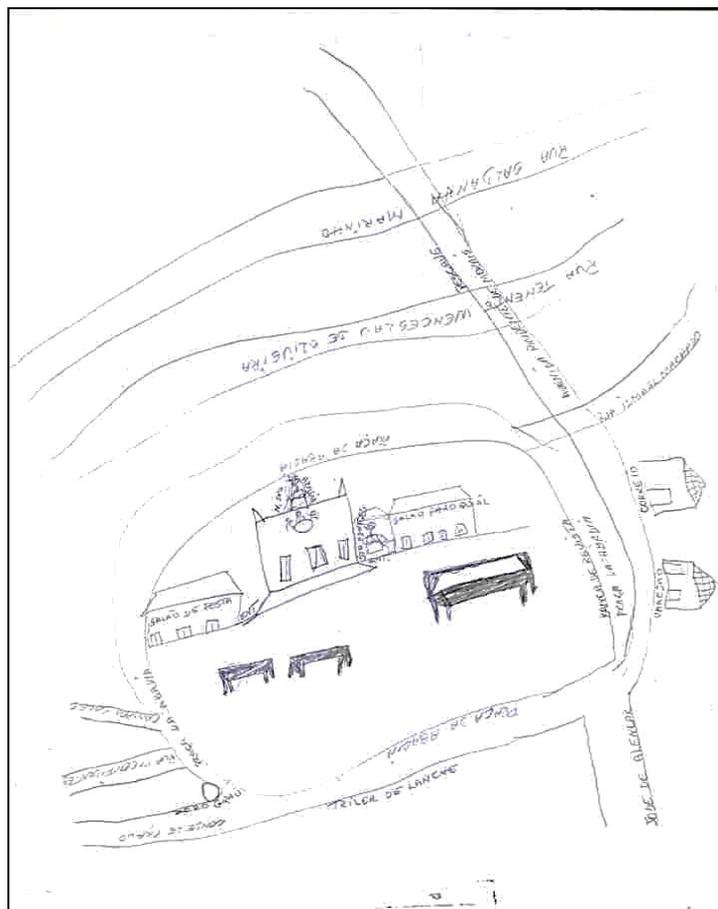
Para Lefebvre (1999, p. 110) a centralidade deve ser considerada como: “[...] o movimento dialético que a constitui e a destrói, que cria ou a estilhaça. Não importa qual ponto possa tornar-se central, esse é o sentido do espaço-tempo urbano”. O autor ainda pontua que existem duas formas de compreender o processo de reestruturação urbana no qual estamos inseridos: a centralidade, já mencionada e definida aqui, e a policentralidade, que Lefebvre (1999, p.112) descreve como:

b) à policentralidade, à oniscencialidade, à ruptura do centro, à disseminação, tendência que se orienta seja para a constituição de centros diferentes (ainda que análogos, eventualmente complementares), seja para a dispersão e para a segregação.

Desse modo, essas novas formas de centro na cidade não são áreas estagnadas ou paradas, ao contrário, são áreas que estão em constante movimento, movimento este que constrói e destrói, segundo Lefebvre (1999).

É importante ressaltar que essas áreas não descartam as atividades e o papel do centro principal da cidade, porém, fazem com que este busque alternativas para se sobressair às novas centralidades. O mapa mental a seguir, feito pela Senhora Jandira, destaca o papel de uma nova centralidade na cidade de Uberaba.

Figura 6 - Mapa mental da senhora Jandira.



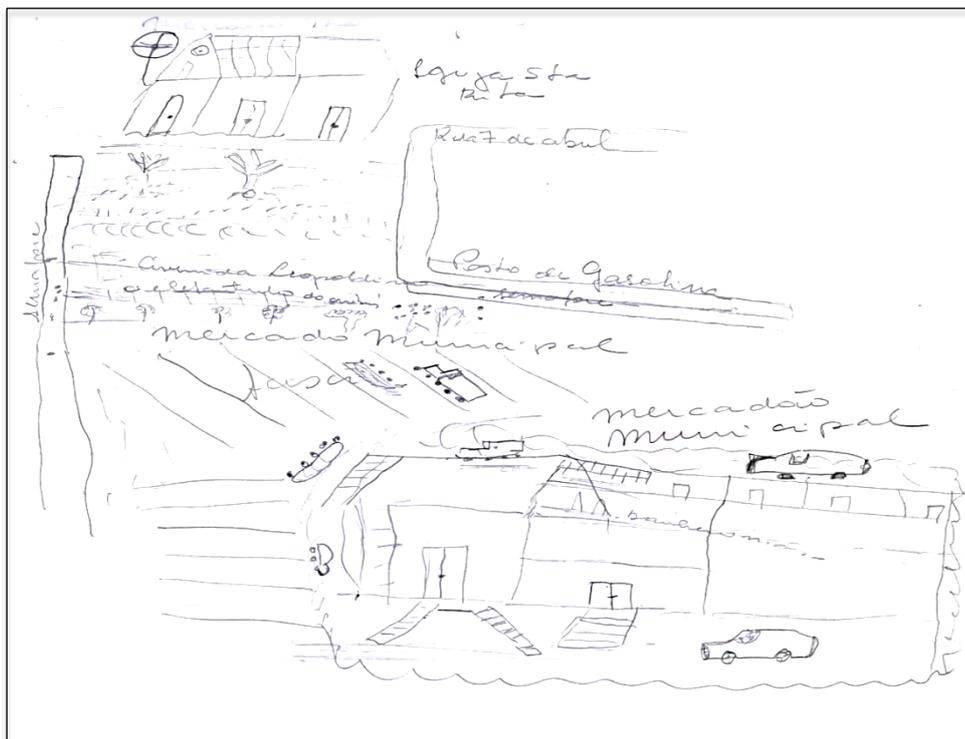
Fonte: LEANDRO, MARLLON, (2014).

Esta nova centralidade localiza-se no bairro Abadia, o maior bairro da cidade de Uberaba. No mapa, a Senhora Jandira representa a área desenhando a “Praça da Abadia”, com a presença da igreja “Nossa Senhora da Abadia”, o “Salão de Festa” e o “Salão Paroquial”, bem como algumas importantes vias do bairro, como a “Avenida Prudente de Moraes”, na qual ela situa uma agência de “Correio” e um “Varejão”.

O desenho mostra não só a imponência da igreja, como também o papel da mencionada via. A “Avenida Prudente de Moraes” é um ponto de referência no bairro, pois, tanto nela quanto nas ruas que a cortam podemos encontrar bancos, supermercados, lojas de roupas e calçados e outros serviços que remontam, assim, a compreensão das novas centralidades na reestruturação do meio urbano.

Outra centralidade que também se destaca na cidade está representada no mapa mental do Senhor José Antero. Trata-se do mercado municipal, que está localizado entre o centro principal e os bairros Abadia e Estados Unidos, locais densamente povoados em Uberaba.

Figura 7 - Mapa mental do senhor José Antero.



Fonte: LEANDRO, MARLLON, (2014).

O que fica evidente e claro nesse mapa mental é o “Mercadão Municipal” e o intenso fluxo de veículos, no entorno, o que nos faz concluir que há também um intenso fluxo de pessoas e, logo, de mercadorias também. Além disso, é possível identificar bem no miolo do desenho a presença de um ponto de ônibus, do qual o Senhor José Antero chama de “o elefantinho do ônibus”.

O “elefantinho” é o nome que se tornou popular na cidade para se referir a um ponto de ônibus pertencente ao sistema de Transporte Rápido por Ônibus (BRT) que foi recentemente implantado na Avenida Leopoldino de Oliveira. Esse novo sistema de transporte, observado pelo Senhor José Antero, de certa forma, faz parte da reestruturação urbana, já que busca modernizar a principal via de circulação da cidade. Assim, pode-se dizer que seu mapa mental representa espacialmente o passado, o presente e o próprio futuro.

4.3 Os espaços simbólicos e religiosos

O espaço simbólico e religioso é entendido como o local onde se constrói histórias, que se materializam por meio de acontecimentos vividos pela sociedade e por edificações que representam algumas formas simbólicas e religiosas existentes.

As formas simbólicas podem ser entendidas de vários modos. Por um lado, elas encarnam elementos do espaço e, por outro, constituem significados para indivíduos ou grupos sociais. Buscando o sentido espacial dessas formas simbólicas, Corrêa (2012, p. 137) diz:

As formas simbólicas tornam-se espaciais quando estão diretamente vinculadas ao espaço, constituindo-se em fluxos, isto é, localizações e itinerários, que são os atributos primários da espacialidade. Palácios, templos, cemitérios, memoriais, nomes de ruas, shoppings [...], e prédios podem ser vistos como fixos simbólicos. Por outro lado, procissões, paradas, desfiles e marchas são, em geral, fluxos impregnados de significados simbólicos.

Ao analisarmos os fixos e fluxos nos mapas mentais desenhados pelos alunos da UATI, percebemos que os fixos que aparecem como formas simbólicas são a igreja, a casa e o local de trabalho, pois são lugares que participaram de trajetória de vida deles, representando laços de amizade e afetividade. No caso específico das igrejas, é possível que o significado simbólico desse local tenha sido construído por meio dos fluxos, através das procissões e missas.

A presença da igreja nos mapas e o lugar de destaque que ocupa em alguns deles também nos remete à ideia de “espaço sagrado”, definido por Rosendahl (2012): “A noção de espaço sagrado vinculado à perspectiva humanística da geografia ressalta a familiaridade com o lugar e a experiência compartilhada”. Essa menção à experiência compartilhada foi materializada nos desenhos e também durante as atividades que envolviam a memória urbana, quando os alunos relatavam as histórias ocorridas nesses espaços religiosos ao longo de suas vidas.

Segundo Rosendahl (2012), as formas simbólicas também podem se constituir pelo espaço profano que, conforme explica a autora, está intrinsecamente vinculado ao espaço sagrado:

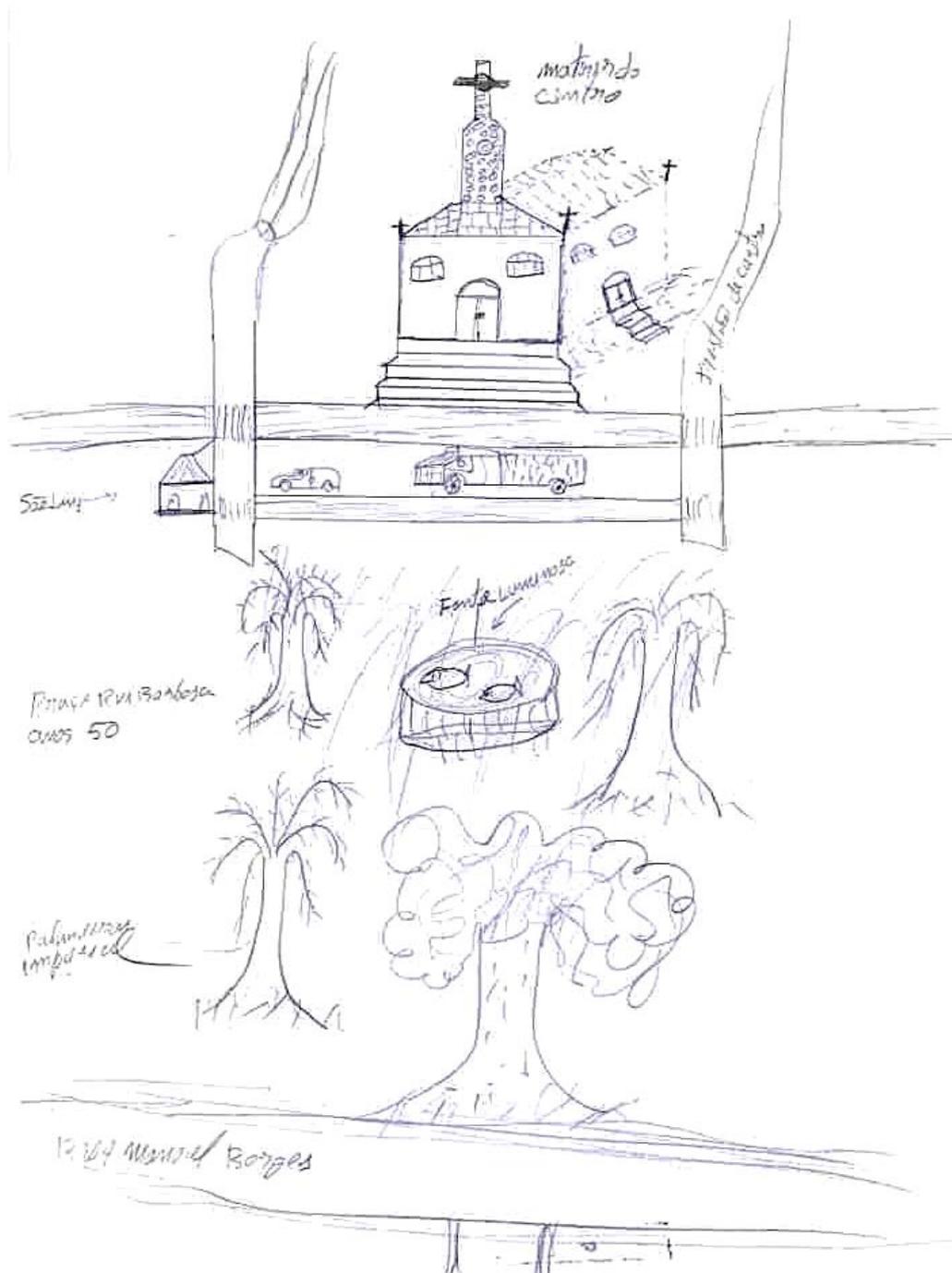
O espaço profano é definido em relação ao espaço sagrado, inexistindo, mesmo que simbolicamente, fora dessa relação. Pode ser definido, como área em torno do centro, onde estão o “ponto fixo” e o entorno. (ROSENDAHL, 2012, p. 78)

No mapa da Senhora Noemi (figura 8), conseguimos observar exatamente esta relação: o espaço sagrado, representado pela igreja e o espaço profano no seu entorno, representada pelas ruas “Tristão de Castro” e “Manoel Borges”, que possuem inúmeros estabelecimentos comerciais que comercializam produtos religiosos e em geral mas que também objetivam atender as demandas nos dias de missas e atividades da igreja na praça “Rui Barbosa” que é um ponto de encontro das pessoas.

Para melhor compreendermos o mapa a seguir, tomamos como referência a análise de Rosendahl (2012, p. 81) a respeito do lugar sagrado e a função dos geossímbolos.

Na presente análise, lugar será considerado na perspectiva de sagrado, gerando, portanto, a noção de lugar sagrado. Trata-se de uma construção social na qual um segmento do espaço – uma gruta, um trecho de rio, uma floresta, uma localidade rural ou urbana – se distingue do espaço por atributos qualitativos, [...]. O lugar sagrado se expressa por geossímbolos.

Figura 8 - Mapa mental da senhora Noemi.



Fonte: LEANDRO, MARLLON, (2014).

Um dos geossímbolos que identificamos na representação construída pela Senhora Noemi reforça o poder da igreja na construção do espaço sagrado pelo homem, já que durante muito tempo ela é percebida e materializada nas cidades no centro principal, ocupando o lugar mais alto.

Ainda segundo Rosendahl (2012, p. 89), “o território religioso não é apenas ritual e simbólico: é também o local de práticas ativas e atuais que o tornam um meio identitário”.

Conforme os alunos da UATI relataram e desenharam, o território religioso está presente em suas vidas por meio das festas religiosas e encontros na praça.

Desse modo, no mapa da Senhora Noemi, podemos observar claramente os elementos de um lugar sagrado, a partir do desenho da igreja, denominado por ela de “Matriz do centro”, da cruz, da praça, da natureza, retratada pelos pinheiros, pelas árvores, peixes e pela fonte luminosa.

5. Considerações finais

Para finalizar, é necessário recuperar e refletir sobre o que foi abordado e analisado até aqui. Ao buscarmos realizar uma pesquisa sobre mapas mentais e ensino de Geografia com alunos (as) da UATI – UFTM. Ficou clara a importância que a população idosa possui para a manutenção da memória urbana viva na sociedade. O trabalho envolvendo a UATI - UFTM também procurou contribuir com a comunidade científica e a comunidade de Uberaba, a partir da articulação entre o tripé ensino, pesquisa e extensão.

Destacamos que o estudo do lugar e o conhecimento geográfico são capazes de fornecer à população idosa subsídios para agir e refletir sobre as políticas que envolvem a cidade de Uberaba, especialmente no que concerne à valorização da história e da memória da cidade, cobrando dos órgãos competentes mais zelo e investimentos no tombamento ou na recuperação dos casarões antigos da cidade.

Neste trabalho, identificamos o quanto o uso dos mapas mentais contribuiu para a representação do espaço urbano do município de Uberaba – MG pela perspectiva e experiência de seus cidadãos idosos, possibilitando o entendimento de importantes transformações ocorridas ao longo da história desta cidade. Assim, os mapas mentais nos forneceram informações não somente sobre o passado, como também sobre o presente e as possibilidades futuras de Uberaba, o que evidencia que os idosos acompanham o processo de reestruturação das cidades contemporâneas.

Os mapas mentais, então, permitiram-nos trabalhar com os alunos e suas representações espaciais reafirmando o potencial deste recurso metodológico na função de linguagem do cotidiano, já que os mapas mentais aqui apresentados nos mostraram que não são apenas desenhos, mas sim, novas formas de se estudar Geografia. Por isso, é relevante destacar que, a partir desta experiência educativa, entendemos os mapas mentais como importantes ferramentas para ensinar e aprender Geografia, já que se tornam acessíveis a todos os públicos, podendo ser

trabalhados nas escolas com crianças, adolescentes, jovens e também com o público idoso, como mostramos.

Contudo, cabe uma ressalva: os mapas mentais se constituem apenas como um recurso dentre muitos outros possíveis na educação cartográfica e geográfica, já que quando se estuda o espaço temos a contribuição de muitas outras linguagens e formas de representação.

Referências

ABREU, Maurício de Almeida. Sobre a memória das cidades. **Revista da Faculdade de Letras - Geografia** I série, v. XIV, Porto, 1998, p. 77-97, Disponível em: <<http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/1609.pdf>>. Acesso em: Ago. 2014.

ARCHELA, Rosely Sampaio; GRATÃO, Lucia Helena; TROSTDORF, Maria A. S. **O lugar dos mapas mentais na representação do lugar**. Geografia, Londrina, v. 13, n. 1, jan./jun. p. 127-141, 2004. Disponível em: < <http://www.uel.br/revistas/geografia/v13n1eletronica/7.pdf> >. Acesso em: Maio 2014.

BRASIL, Lei n. 10.741, de 1º de outubro de 2003. Dispõe do Estatuto do Idoso e dá outras providências. **Presidência da República Casa Civil Subchefia para Assuntos Jurídicos. Brasília, 2003**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/110.741.htm>. Acesso em: Set. 2014.

CASTELLS, Manuel. **A questão urbana**. Tradução de Arlene Caetano. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983. 344p.

CASTRO, Iná Elias de; GOMES, Paulo Cesar da Costa; CORRÊA, Roberto Lobato. (Org.) **Olhares geográficos: modos de ver e viver o espaço**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012. 192p.

CORRÊA, Roberto Lobato. Espaço e simbolismo. In: CASTRO, Iná Elias de; GOMES, Paulo Cesar da Costa; CORRÊA, Roberto Lobato. (Org.) **Olhares geográficos: modos de ver e viver o espaço**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012. 192p.

DE PAULA, Luiz Tiago. Mapa mental e experiência: um olhar sobre as possibilidades. **XVI Encontro Nacional de Geógrafos**, Porto Alegre, Julho 2010. Disponível em: <<http://geografiahumanista.files.wordpress.com/2010/07/luiz-tiago-de-paula.pdf>>. Acesso em: Jun. 2014.

GOMES, Lucy; LOURES, Marta Carvalho; ALENCAR, Josélia. Universidades abertas da terceira idade. **Revista Diálogos**, Brasília, v. 4, n. 2, p. 84-94, 2004. Disponível em: < <http://portalrevistas.ucb.br/index.php/RDL/issue/view/114> >. Acesso em: Set. 2014.

LEFEBVRE, Henry. **A revolução urbana**. Tradução de Sérgio Martins. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999. 176p.

LIMA, Angélica Macedo Lozano, KOZEL, Salete. **Lugar e mapa mental:** uma análise possível. *Geografia* - v. 18, n. 1, jan./jun. 2009 – Universidade Estadual de Londrina, Departamento de Geociências. Disponível em: <<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/geografia/article/viewFile/2388/2415>>. Acesso em: Set. 2014.

MENDONÇA, José. **História de Uberaba.** Uberaba: Academia de Letras do Triângulo Mineiro: Bolsa de Publicações do Município de Uberaba, 2008. 306p.

MILANI, Patrícia Helena; SILVA, Edima Aranha. Centralidade urbana: um estudo do centro principal de Três Lagoas – MS. **Geografia em Atos**, Presidente Prudente, v. 1, n. 9, p.1-10, 2009. Disponível em: <<http://revista.fct.unesp.br/index.php/geografiaematos/article/viewFile/265/milanin9v1>>. Acesso em: Out. 2014.

OLIVEIRA, Raphael Figueira Chiote Alves. Os mapas mentais como linguagem do cotidiano: uma contribuição ao ensino de geografia. **Anais do XVI Encontro Nacional de Geógrafos**, p. 1-9, 2010. Disponível em: <http://www.agb.org.br/evento/download.php?idTrabalho=3488>>. Acesso em: Mai 2014.

PEREIRA, Cláudio Smalley Soares. **Centro, centralidade e cidade média:** o papel do comércio e serviços na reestruturação da cidade de Juazeiro do Norte/CE. Presidente Prudente, 2014. 328p. Disponível em: <acervodigital.unesp.br/handle/unesp/179255?locale=pt_BR>. Acesso em: Nov. 2014.

RICHTER, Denis. **O mapa mental no ensino de geografia:** concepções e propostas para o trabalho docente. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2011. 269p. Disponível em: <http://www.culturaacademica.com.br/img/arquivos/O_mapa_mental_no_ensino_de_geografia.pdf>. Acesso em: Ago. 2014.

ROSENDAHL, Zeny. O sagrado e sua dimensão espacial. In: CASTRO, Iná Elias de; GOMES, Paulo Cesar da Costa; CORRÊA, Roberto Lobato. (Org.) **Olhares geográficos: modos de ver e viver o espaço.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012. 192p.

SANTOS, Milton. **Pensando o espaço do homem.** 5. ed., 2.reimpr. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2009. 96p.